

TEORIA E PRÁTICA NA EDUCAÇÃO

Ozир Tesser

O Curso de Pedagogia da UFC está em processo de reformulação de seu currículo. Professores e alunos têm se questionado acerca do papel da Universidade em nossa sociedade e do tipo de educador que está sendo formado na FACED. Com o propósito de oferecer subsídios ao debate em torno do novo currículo do Curso de Pedagogia, foram encaminhados à Coordenação os textos abaixo reproduzidos.

REFLEXÕES SOBRE TEORIA E PRÁTICA (1)

1. A questão da articulação teoria e prática na formação universitária, não pode abstrair da questão mais ampla da divisão social do trabalho na formação social capitalista, na qual se encontra a raiz das dificuldades maiores a este respeito.

A divisão do trabalho intelectual e manual na formação social impõe condicionamentos que tornam árdua e difícil a busca de uma articulação mais criadora entre o ser e o pensar (entre a prática e a teoria).

2. Deixando como pano de fundo esta questão maior e complexa, acima evocada, podemos levantar algumas pistas sobre esta articulação, que, embora precárias, fazem avançar a questão no terreno acadêmico e no terreno prático-social.

1) Este texto foi inicialmente apresentado ao Departamento de Estudos Especializados da Faculdade de Educação da UFC como subsídio às reflexões e discussões sobre a reformulação do Curso de Pedagogia. O texto inicial sofreu pequenos acréscimos e correções a fim de ser submetido à publicação.

A primeira reflexão se refere ao lugar da teoria e da prática no conhecimento científico. A mesma questão pode ser colocada tomando-se o problema da relação entre a teoria e os dados empíricos na produção do conhecimento científico. A quem cabe a prioridade e a quem cabe o primado?

Este problema toca a questão fundamental da irredutibilidade do ser ao pensar, da primazia do dado objetivo sobre a capacidade de abstrai-lo no terreno do conhecimento, enfim, da prioridade e do primado da existência sobre a consciência. Isto, evidentemente, colocado ao nível da ontologia.

Diferente se coloca a questão sob o aspecto da gnosiologia ou da produção do conhecimento. Na produção do conhecimento, o movimento é inverso, ele vai da teoria ao fato, da abstração à sua comprovação; a prioridade é dada à teoria, embora o primado seja confiado à sua comprovação pela prática. O critério da verdade é a prática, e não os atributos da teoria, clareza, evidência ou outro aspecto...

3. Estas reflexões sobre a articulação da teoria e da prática, opõem-se assim, a duas outras concepções que estão mais freqüentes na vida universitária, a *articulação idealista*, pela qual o fundamento do conhecimento científico se encontra na capacidade criativa da consciência, como fonte ontológica da verdade, como capacidade ordenadora do caos da realidade concreta. A concepção idealista acentua, mesmo que unilateralmente, a capacidade ativa do espírito humano, e sobre este aspecto, tem seus méritos. Ela representa uma reação à concepção materialista tradicional, que por sua vez, ressalta, também unilateralmente, a objetividade do real, menosprezando o papel da inteligência humana na elaboração do conhecimento.

4. Opõem-se também a esta *concepção empirista* ou *materialista tradicional*, que atribui ao dado, ou à compilação dos dados, a capacidade de sua compreensão, como se o real desse de si, sem a teoria, a interpretação de si. Esta concepção é a base da concepção positivista que em grande parte domina a formação científica na universidade.

5. A visão dialética opõe-se a este tipo de articulação, e, mais ainda, opõe-se a que o real (concreto) possa ser atingido, apenas por um esforço da atividade teórica, mesmo que presidida por uma visão crítica.

Este ponto nos leva mais adiante na reflexão sobre a articulação teoria e prática. É o ponto mais difícil, porque é onde a divisão social do trabalho mais interfere. Expliquemo-nos. O conhecimento verdadeiro decorre não do objeto, mas da atividade prática transformadora, presidida por uma teoria crítica onde os termos sujeito-objeto não se opõem mas se interagem. O conhecimento é concebido nesta relação, nesta atividade, "como conhecimento de objetos produzidos por uma atividade prática, da qual a atividade pensante, da consciência (...) não pode ser separada". (2)

6. Este debate, que tem mais de cem anos, tem contra sua solução as condições históricas da divisão social do trabalho, da relação ser e saber, e, sobretudo, da relação saber e poder.

"A superação do idealismo e do materialismo tradicional havia de consistir, portanto, na negação da atitude contemplativa do segundo e na negação da atividade em sentido idealista, especulativo, do primeiro. A verdadeira atividade é revolucionária, crítico-prática; o que vale dizer, transformadora e, portanto, revolucionária, mas ao mesmo tempo sem ser mera contemplação, já que é teoria que guia a ação, e prática, ou ação guiada pela teoria. A crítica — a teoria, ou a verdade que contém — não existe à margem da praxis". (3)

A radicalidade das questões levantadas por Marx nas teses sobre Feuerbach não nos deve fazer perder de vista os passos a serem dados:

a) Na formação universitária há teorias e teorias. Há teorias que em nada contribuem para discernir as transformações do real, são teorias acríicas. Quanto menos aptas a discernir o movimento das transformações do real, menos interesse há em estudá-las, menos incidem sobre o real. A teoria deve ser crítica, isto é, deve permitir discernir o movimento contraditório das transformações do real, em sua globalidade.

b) Esta teoria crítica, não basta ser formulada ou compreendida, é necessário, que ela permita uma leitura criativa.

2) VASQUEZ, A. Sanchez. *Filosofia da Praxis*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, p. 153.

3) Vasquez comenta com bastante clareza as teses de Marx sobre Feuerbach nas páginas 148 a 164 da obra citada.

tiva das realidades objetivas. Este, talvez, é o ponto crucial na formação universitária. As teorias estudadas o mais das vezes não permitem uma leitura crítica do real.

As teorias críticas devem permitir uma leitura do concreto-real. Esta questão, ainda não nos transfere do campo teórico, mas nos permite articular a teoria com a prática, no campo teórico, o qual com a divisão social do trabalho imperante, parece ser a tarefa principal da universidade.

Resumo. A articulação teoria-prática deve ter como pano de fundo as reflexões acima evocadas (que se situam ainda no campo teórico):

- primado e prioridade da existência sobre a consciência, do ser sobre o pensar.
- na produção do conhecimento: prioridade da teoria (do abstrato ao concreto) e primado da prática (critério e fundamento da verdade do conhecimento).
- a não separação sujeito-objeto, ou seja, a relação profunda ativa e objetiva do sujeito em relação ao objeto de conhecimento, no sentido de que: de um lado, o conhecimento não se dá meramente como contemplação do objeto, como atividade passiva, mas como ação humana, crítico-transformadora (crítica ao materialismo tradicional ⁴) de outro lado, o conhecimento não é mera especulação, cujo objeto seria meramente fruto da atividade subjetiva do homem, como se o sujeito não captasse objetos em si, mas apenas produtos de sua atividade (crítica ao idealismo).
- A articulação teoria-prática deve permitir:
 - . discernir entre as teorias, as que são crítico-transformadoras (e que portanto são mais objetivas porque a realidade é móvel e histórica);
 - . ler através da teoria, o histórico existente, de tal forma que a ação concreta (prática), quando se colocar, permita uma ação transformadora.

— A superação da separação teoria e prática tem pata-mares, no *terreno da concepção*, no *terreno da prática pedagógica* (portanto, no ensino universitário) e no *terreno da prática-ação* (atividade profissional).

As dificuldades, no momento, para o objetivo acadêmico a que nos propomos, se encontram mais ao nível dos dois primeiros terrenos, porque é neste campo que se situa a tarefa universitária de formação, uma vez que a universidade se inscreve num contexto de divisão social do trabalho, onde o trabalho intelectual é separado do trabalho manual — a formação é separada do exercício da profissão.

4) "O objeto do conhecimento é produto da atividade humana, e como tal não como mero objeto da concepção — é conhecido pelo homem". Vasquez, *ibidem* p. 152.